

## EDUCAÇÃO CINEMATOGRAFICA CATÓLICA NO COLÉGIO REGINA COELI, EM LIMOEIRO-PE, NA DÉCADA DE 1950: ALGUNS APONTAMENTOS.

Haroldo Moraes de Figueiredo; Lara Colognese Helegda; Marcelo Manoel Melo de Lima.

*Universidade Federal de Pernambuco/CAV – haroldolaboral@hotmail.com*

*Universidade Federal de Pernambuco/CAV – laracolognese@yahoo.com.br*

*Universidade Federal Rural de Pernambuco – marcelolimaom@hotmail.com*

### **Resumo**

O presente trabalho representa uma pesquisa qualitativa, do tipo histórica, a qual estudou alguns traços de uma educação cinematográfica católica no Colégio Regina Coeli, no município de Limoeiro-PE, na década de 1950. A pesquisa partiu da análise das encíclicas papais Vigilanti Cura e Miranda Prorsus, escritas respectivamente pelos Papas Pio XI (1936) e Pio XII (1957), apresentando críticas e orientações sobre cinema. Suas influências chegaram até o Brasil, por intermédio de representantes da Organização Católica Internacional do Cinema (OCIC), incumbidos de criar uma cultura cinematográfica mediante a realização de cursos e seminários. Esse movimento contribuiu também para a criação de cinemas e cineclubes católicos pelo Brasil, inclusive Pernambuco, destacando-se o Cineclubes Vigilanti Cura (1952). Seus integrantes foram os pioneiros no trabalho de educação cinematográfica em Pernambuco, inicialmente por meio das exibições de filmes e realização de cinefóruns, e, em seguida, ministrando cursos e palestras em alguns colégios católicos da capital pernambucana e interior. Nesse contexto, a relevância da pesquisa que realizamos está tanto na ampliação de conhecimentos sobre as influências do catolicismo na criação de uma cultura cinematográfica no Brasil como, também, e principalmente, no esforço de nos aproximar da parte dessa história que trata de educação cinematográfica. De modo geral, nosso objetivo foi entender como surgiu e se propagou um trabalho de educação cinematográfica em Pernambuco na década de 1950. O fio condutor foi a Nova História. Os procedimentos para coleta dos dados consideraram as fontes do tipo oral (pessoas que vivenciaram atividades de educação cinematográfica, principalmente no Colégio Regina Coeli), documentais (grade curricular e ofícios) impressas (jornais da época e livros didáticos) e iconográficas (imagens fixas). Dentre os resultados obtidos nas consultas às fontes, identificamos que o Colégio Regina Coeli desenvolveu atividades de cineclubismo, grupo de estudos sobre cinema, cinefóruns, provas teóricas valendo nota, entre outras coisas. Por fim, chegamos à conclusão de que o trabalho de educação cinematográfica apresentava elementos relacionados às orientações das encíclicas papais escritas por Pio XI e Pio XII, como também pôde promover a incorporação de atividades pedagógicas sobre cinema ao seu currículo escolar, durante algum tempo.

**Palavras-chave:** História da educação, Educação cinematográfica, Colégios católicos, Pernambuco.

## Introdução

No período que corresponde à década de 1950, era efervescente no Brasil a dinâmica em torno das questões sobre cinema, envolvendo tanto a dimensão técnica como a artística. Muitos foram os cineclubes fundados na intenção de tornar mais acessível a chamada cultura cinematográfica nos grandes centros urbanos, como, por exemplo, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador e Recife.

A forma como essa cultura cinematográfica se desenvolvia era motivo de preocupação por parte da Igreja Católica, por entender que determinados conteúdos fílmicos poderiam desencaminhar as pessoas do caminho do bem e da decência a partir da incorporação de códigos de comportamento muitas vezes contrários aos princípios morais do catolicismo. A Igreja entendeu que a forma de combater o que ela classificava como mau cinema seria agindo de dentro para fora (ou seja, se apropriando da linguagem daquele universo) e, assim, tratou de criar espaços destinados a estudar a chamada sétima arte.

As orientações da Igreja Católica sobre as questões referentes ao universo cinematográfico partiram de duas encíclicas papais: a primeira, chamada *Vigilanti Cura*, escrita em 1936 pelo Papa Pio XI, tinha a finalidade de orientar as pessoas quanto aos perigos dos conteúdos cinematográficos, os quais, em sua opinião, se desviavam do caminho da decência. Convocava as pessoas para manter uma vigilância constante sobre o que a Igreja Católica considerava ser mau cinema, em como zelar pela moral cristã. A segunda encíclica, *Miranda Prorsus*, escrita em 1957 pelo Papa Pio XII, seguia na mesma linha de raciocínio e ampliava as orientações também para o rádio e a televisão (IGREJA CATÓLICA, 1936).

Essas orientações bem como as ações derivadas dela chegaram ao Brasil por meio de uma missão da OCIC (Organização Católica Internacional do Cinema), em 1952, buscando criar uma cultura cinematográfica que pudesse tocar a consciência das pessoas, livrando-as dos vícios e blasfêmias do mau cinema. Dentre as suas tarefas, destacavam-se a realização de cursos e seminários, bem como a estimulação para criação de cineclubes nas instituições ligadas à Igreja (MALUSÁ, 2008).

Além disso, era preciso agir em outras frentes de combate como, por exemplo, na orientação da sociedade por meio de uma educação cinematográfica desenvolvida em diferentes ambientes e situações. Nas palavras de Logger (1967, p. 24), “[...] deve a educação cinematográfica ser integrada na concepção de vida dos educandos, como a educação em seu todo”. Nesses termos, ele se mostrava a favor de uma diversificação desse trabalho, que deveria se fazer presente em escolas, cursos, palestras, cineclubes

e revistas católicas. Além disso, alegava que um sistema educativo verdadeiramente preocupado com a formação dos jovens para a vida deveria dar-lhes um mínimo de preparação no domínio do cinema.

De modo geral, a pesquisa desenvolvida buscou analisar como se processou uma educação cinematográfica em alguns colégios católicos de Pernambuco, na década de 1950. Especificamente para a produção deste texto, optamos em focar as análises e discussões no trabalho desenvolvido no Colégio Regina Coeli, localizado no município de Limoeiro-PE.

### **Metodologia**

Para guiar a garimpagem das fontes buscamos apoio na teoria da Nova História, a qual contribuiu com o lançamento de novos conceitos, métodos de pesquisa e a ampliação das noções de fontes e documentos, ajudando a revelar outras histórias: do cotidiano, do lazer, da educação e do cinema, entre outras (KARNAL; TATCH apud PINSKY; DE LUCA, 2011).

Em relação às fontes, trabalhamos basicamente com os seguintes tipos: orais, documentais, impressas e iconográficas. Com relação ao primeiro tipo de fonte, Teixeira e Praxedes (apud VISCARDI; DELGADO 2006, p. 156-157, grifo do autor) afirmam que a história oral, na atualidade, tem sido definida como:

[...] uma **Metodologia**, porque ela reúne, propõe e contém um conjunto de princípios teórico-epistemológicos que fundamentam e norteiam a construção da pesquisa, a investigação dos fenômenos da vida humana e social. [...] como uma *Técnica*, no sentido de que ela propõe um conjunto de estratégias para o trabalho investigativo, sempre centrado na oralidade e nas variadas formas de se apreendê-la e de registrá-la.

Além dessas duas, há uma terceira definição, que considera a história oral também como Fonte na medida em que os registros audiovisuais das entrevistas e depoimentos, após serem transcritas, tornam-se documentos, ou seja, fontes para a pesquisa histórica ou outros tipos de estudo, conforme Teixeira e Praxedes (2006 apud VISCARDI E DELGADO, 2006).

Na segunda categoria, as fontes documentais, são representadas pelos seguintes artefatos do passado: encíclicas papais, boletins informativos da CNBB sobre cinema e documentos escolares relacionados às ações de educação cinematográfica, por exemplo. De acordo com Karnal e Tatsch (apud PINSKY; DE LUCA, 2011, p. 24), o documento histórico é “[...] qualquer fonte sobre o passado, conservado por acidente ou deliberadamente, analisado a partir do presente e estabelecendo diálogos entre a subjetividade atual e a subjetividade pretérita”.

Na terceira categoria, as fontes impressas, referimo-nos a materiais como os jornais que noticiavam e/ou criticavam as atividades cineclubistas em Pernambuco e que também versavam sobre educação cinematográfica. Como quarta categoria, destacamos as fontes iconográficas, sendo representadas por fotografias de atividades e de materiais didáticos.

### **Resultados e Discussão**

O Colégio Regina Coeli está localizado no município de Limoeiro-PE, o qual fica a 84 km da capital Recife. Na segunda metade da década de 1930, os cenários histórico e educacional de Limoeiro ficaram marcados pela criação do Colégio Regina Coeli. De acordo com seu histórico, o colégio foi fundado em 1936 pelas Irmãs Beneditinas de Tutzing, oferecendo ensino primário com quatro séries e a escola normal, com poucas alunas (COLÉGIO REGINA COELI, 2011). Em virtude de dificuldades, o colégio foi deixado para as missionárias alemãs da Congregação Franciscana de Maristella, sob a direção da madre Reginfrieda Nerz, por volta de 1939.

De acordo com Maia (1999), o antigo prédio do colégio estava localizado na Rua da Matriz. Era um sobrado de espaço pequeno, onde no térreo funcionava o parlatório, a diretoria, a secretaria, o refeitório e a cozinha, enquanto o primeiro andar era destinado à clausura e à capela. Por volta de 1944, as irmãs transferiram o colégio para o prédio onde havia uma fábrica de beneficiamento de algodão, desativada, sendo o terreno comprado com a ajuda de Dom Bonifácio. O colégio se encontra até hoje nesse mesmo local, situado na Avenida Dr. Severino Pinheiro, nº 60, Centro. Quanto a sua organização, havia poucas salas para dar conta das atividades escolares, sendo as mesmas distribuídas em dois turnos:

[...] pela manhã, alfabetização, as turmas do primário e uma turma de preparação para o Exame de Admissão; à tarde, estudavam as alunas do Curso Normal Rural, que também tinham suas aulas de Educação Física em alguns dias, pela manhã (MAIA, 1999, p. 32-33).

Seu perfil era caracterizado principalmente, pela preparação das alunas para o exercício do magistério, mas as atividades pedagógicas também davam formação na área de agricultura, como era o caso das aulas de jardinagem e horticultura, por exemplo; no universo da formação humana, além de elas participarem das aulas de Ensino Religioso, havia ainda uma atenção especial na questão do comportamento social, e para esse tipo de orientação as alunas recebiam as chamadas aulas de polidez, civilidade ou boas maneiras; a dimensão

cultural também não ficou fora, sendo ofertadas aulas de canto orfeônico, desenho, pintura e “pré-orientação”.<sup>1</sup>

Sobre o trabalho educacional realizado pelas irmãs da Congregação Maristella, o currículo era bastante diversificado.

[...] além da formação espiritual e cultural desejada pelos jovens e familiares. revolucionaram a Educação em Limoeiro com seus ensinamentos nas diversas áreas do conhecimento [...] **incluindo no currículo: Canto, Economia Doméstica, Esportes, Música, Teatro e Cinema**, de forma que as mesmas estivessem preparadas para a função de professora ou para casamento, assumindo bem a educação dos filhos (COLÉGIO REGINA COELI, 2011, grifo nosso).

Observando a citação anterior, é possível ver que no conjunto de disciplinas da área diversificada há grande espaço para aquelas relacionadas ao campo das artes e, dentre elas, destacamos o cinema, objeto do nosso estudo. A contribuição das irmãs para a educação dos limoeirenses se deu mediante uma metodologia eclética, vez que madre Gabriele sempre buscava se atualizar para melhor atender os alunos. Na questão do cinema, entre outras atividades extraclasse, por exemplo, havia o cineclube do colégio.

De acordo com a senhora Lúcia Maria Amaral de Melo Silva (ex-aluna), o cineclube iniciou suas atividades na segunda metade da década de 1950: “Olhe, eu sei que foi entre [19]56 e [19]59. Porque 56 [...] 58 eu terminei o pedagógico, não é? Na época, eu participava do cineclube já como aluna do pedagógico” (informação verbal).

Essa iniciativa se deu após a participação de madre Gabriele e suas alunas num encontro regional dos estudiosos da Sétima Arte, chamado de Semana de Cinema, realizado no Recife, em 1955. Ao retornar a Limoeiro, a madre tratou de criar o cineclube, ao qual se associaram as alunas do Regina Coeli, conforme Maia (1999).

A chamada Semana de Cinema do Recife era uma exposição de cinema organizada pelos integrantes do Cineclube *Vigilanti Cura*, realizada anualmente. De acordo com matéria publicada no Diário de Pernambuco (9 de junho de 1952), o primeiro evento dessa natureza foi realizado no térreo do prédio do Círculo Católico, do dia 28 de junho a 6 de julho de 1952, em comemoração ao 16º aniversário da encíclica *Vigilanti Cura* e, além da projeção de filmes selecionados, contou com as seguintes temáticas de palestras: A Arte, a Moral e o Cinema, As

---

<sup>1</sup> A pré-orientação era uma espécie de aula de artesanato, visando descobrir e incentivar o desenvolvimento das habilidades de cada aluna (seus talentos artísticos), na produção de objetos a partir de materiais como madeira, couro, papelão e gesso.

Crianças, os Adolescentes e o Cinema, Filmes religiosos ou profanos, A Ação Apostólica dos Católicos do Cinema.

Nos anos seguintes, a Semana de Cinema do Recife continuou sendo realizada sempre na última semana de junho e início de julho. Outros temas sobre estudos do cinema foram abordados pelos palestrantes do evento nas edições seguintes à de 1952, a saber: Cinema como forma de arte, pelo crítico literário Dr. Moacyr de Albuquerque; Humanismo cinematográfico, pelo pe. Daniel Lima; Considerações sobre técnica do cinema, pelo então presidente do Cineclubes do Recife, Dr. Marcelo Pessoa; Classificação moral dos filmes, pelo pe. Antônio Frago; O estudo do cinema no mundo atual, pela Sr<sup>a</sup>. Maria do Carmo Vieira; Relações do cinema com as demais artes, pelo pe. Daniel Lima, conforme noticiado no Diário de Pernambuco (1952-1956).

As atividades cineclubistas que integravam a proposta pedagógica do Colégio Regina Coeli eram cuidadosamente sistematizadas por madre Gabriele, de modo a não interferir no andamento das demais obrigações escolares das alunas. De acordo com Dona Maria Matias (ex-aluna), a realização das atividades se dava

[...] dentro da escola, no horário da tarde. O nosso turno de estudos normal era pela manhã e à tarde atividades extras. Existiam várias naquele momento e uma delas era o cineclubes. [...] era uma vez por semana, uma tarde. [...] e já sabia os dias para se preparar (informação verbal).

A fala dessa ex-aluna relata que o tipo de envolvimento apresentado pelas alunas do Colégio Regina Coeli em relação ao seu cineclubes não se restringia a meros momentos de entretenimento. Sobre os encontros para estudar cinema, o senhor José Alexandre lembra:

Preferencialmente a gente estudava cinema nos debates. Era uma fraternidade. Era como se fosse uma religião que a gente fazia toda sexta-feira. Nós tínhamos reuniões, debates e enriquecimento ou por uma pessoa de fora ou pela própria irmã que entendia bastante de cinema (informação verbal).

O local de realização das projeções tanto poderia ser dentro do Regina Coeli quanto fora dele, como recorda o senhor José Alexandre:

A gente tinha atividade dentro do colégio, [...] inclusive lá tinha sempre a máquina de projeção. A gente pegava o filme e passava lá mesmo. Agora, para o povo de fora tinha a semana do cinema. Todo ano tinha a semana do cinema e a comunidade todinha participava com palestras, com cine-fórum,

com debates. [...] [Era] ou no Regina Coeli ou na rádio difusora antiga (informação verbal).

A preparação para as atividades cineclubistas (sessões de estudos e cine-fóruns) também era levada a sério pelos seus participantes, principalmente por trabalhar as questões de ordem moral, como relatou dona Maria Matias:

E acho que o reforço maior talvez fosse nessa parte moral, que era a intenção delas. Porque elas tinham a intenção de evangelização mesmo. E o que elas queriam era formar as alunas para a vida. Pra formá-las para a vida não precisava só conhecer a parte técnica do cinema. Então todos esses filmes [...] que a gente assistia eram estudados profundamente nessa [sic] parte moral [...] (informação verbal).

O processo de educar as pessoas focava tanto os aspectos técnico e artístico como o moral, mas sem deixar de estimulá-los a refletir sobre o conteúdo fílmico, como lembra a senhora Lúcia Amaral: “Eu acho que educou nesse sentido, aprender a mensagem e toda a situação. Por pior que seja, pode-se aprender alguma coisa e tirar uma boa lição para a vida. Eu acho que esse lado foi positivo” (informação verbal). Ela também lembra como madre Gabriele orientava as análises dos filmes:

Era uma coisa, assim, mais complexa. Não era somente através do [estudo do] plano. Ela relacionava sempre um plano com uma atitude social ou humana. [...] Então, pra mostrar outra coisa muito mais importante do que só aquele detalhe. Ela fazia muita ligação, [...] fazia uma associação muito boa entre os elementos que a gente estudava técnicos e o que tinha de lição [...] para a vida (informação verbal).

Esse empenho nos estudos cinematográficos por parte das alunas é confirmado por Maia (1999). Ao discorrer sobre os esforços de madre Gabriele na criação e coordenação das atividades do cineclub, lembra que este abriu as portas para uma maior interação entre as alunas do Regina Coeli e os alunos do Ginásio de Limoeiro. Na opinião de Dona Maria Matias, uma das mudanças mais marcantes ocorridas no contexto educacional limoeirense se deu na questão da socialização entre as alunas do Regina Coeli e os alunos do Ginásio de Limoeiro:

[...] na convivência mudou muito porque quebrou [...] aquela separação que existia. Aquele colégio fechado, só feminino. [...] Com o cineclub houve, assim, uma convivência mais harmoniosa, mais normal. [...] O colégio

começou a receber alunos [...] do sexo masculino. [...] A partir do cineclube eu acho que isso já ajudou (informação verbal).

O trabalho a partir do cineclube gerou uma reconfiguração no cenário estudantil, na medida em que modificou as relações existentes entre os alunos do Regina Coeli e do Ginásio de Limoeiro, os quais, “[...] eram um pouco rivais. Então a madre queria que os estudantes [...] se afinassem mais na amizade, que pudessem trabalhar juntos” (informação verbal), segundo o senhor José Alexandre (na qualidade de ex-aluno do Ginásio). A esse respeito, Lúcia Amaral acrescenta o seguinte: “Era um colégio, na época, exclusivamente feminino. Mas, como Zé Alexandre sempre foi muito ligado ao Regina Coeli, por outras razões, e eu acho que ele foi a ponte para entrarem rapazes para participarem do cineclube” (informação verbal).

Além dessas intervenções no contexto social limoeirense, outras ações importantes foram realizadas, como, por exemplo, investimentos na compra de materiais didáticos para dar suporte aos estudos cinematográficos daquele grupo de estudantes. Nas aulas, discutiam-se questões relacionadas aos aspectos histórico, social, moral, técnico e artístico a partir de alguns livros, como lembra José Alexandre:

Olha, a gente estudou a história do cinema, [...] o livro de Guido Logger “Elementos do Cinema” e vários outros [...]. A gente tinha coisa para estudar e debater. Geralmente a gente passava filme lá e tinha sempre cine-fórum e Elementos de Cinestética. Muitos livros da história do cinema [...] que a gente estudou, [...] Caminho do Cinema também. E as reportagens que saíam a gente tava sempre pegando pra ver, pra estudar, pra debater (informação verbal).

Sobre os livros, dois muito utilizados por eles eram Elementos de Cinestética, do pe. Guido Logger (LOGGER, 1957), lançado em 1957 pela editora Agir, e Caminhos do Cinema, de José Rafael de Menezes (MENEZES, 1958), lançado em 1958 pela mesma editora:

**Figura 1** – Livros utilizados pelos alunos do cineclube do Regina Coeli em seus estudos cinematográficos.



Fonte: Logger (1957); Menezes (1958)



O primeiro deles, *Elementos de Cinestética* (LOGGER, 1957), como o próprio título declara, trata da estética do cinema: conceitos de arte e beleza, distinção entre os diferentes tipos de arte, atenção na escolha do tema e dos elementos do conteúdo (construção dramática, por exemplo), a fotografia e elementos estéticos (iluminação, atores, planos, angulação, enquadramento e panorâmica), estética do áudio, o ritmo cinematográfico, a montagem, entre outras coisas. Apesar de o livro focar bastante a dimensão técnica do cinema, o faz sem perder de vista as orientações sobre a produção fílmica, nos moldes da moral católica, considerando que o autor era um padre desse segmento cristão.

O segundo livro, *Caminhos do Cinema* (MENEZES, 1958), aborda não só questões da técnica cinematográfica, como também ligadas às dimensões social, histórica e filosófica. Parte das orientações das encíclicas *Vigilanti Cura* e *Miranda Prorsus* para falar acerca dos perigos e más influências do cinema sobre a sociedade. Defendia o valor moral e social do cinema, quando utilizado para refletir sobre os problemas sociais, como desemprego (caso do filme *Ladrões de Bicicleta*, de Vittorio de Sica), por exemplo. Nessa perspectiva, deveria ser utilizado como instrumento didático e tema de educação, passando, assim, a integrar o currículo das escolas (MENEZES, 1958). Além disso, também focava alguns processos técnicos, descrevia um pouco da história do cinema e sua evolução, bem como falava sobre a psicologia do espectador. Na sequência, discute os problemas enfrentados pelo cinema e quais as contribuições dos críticos, dos cineclubes e das escolas para a construção de uma cultura cinematográfica. Menezes (1958), diferentemente de Logger (1957), não foca apenas na dimensão técnica, trazendo para discussão questões relacionadas à dimensão social, histórica e filosófica também vinculadas à ideologia católica sobre o cinema.

Não só esses livros integraram os processos pedagógicos trabalhados com os alunos. De acordo com Vilaça (1971), madre Gabriele também era interessada por pesquisas e atribuía atividades aos alunos do cineclube do Regina Coeli, entre elas realizar um levantamento de informações sobre os primeiros cinemas de Limoeiro. Os estudos do cinema se tornaram mais do que atividades ligadas ao seu cineclube, tendo sido incorporados como atividade regular do colégio, chegando a fazer parte do currículo, como lembra Lúcia Amaral:

Quando estávamos no magistério, essa disciplina Cinema foi incorporada ao currículo. Então nós estudávamos e fazíamos prova sobre cinema, valendo tanto qualquer outra disciplina. Ai foi quando, na ocasião, nós tivemos a oportunidade de aprender os movimentos da câmera [...], a

significação dos planos: geral, meio plano, *proget*, contra *proget*, *close*, *big close* [...] (informação verbal).

No Regina Coeli, o cinema também foi usado como recurso didático para auxiliar disciplinas de várias áreas do conhecimento, como recorda Lúcia Amaral:

Então, muita gente não aprendia com a aula de história, mas, associado ao filme, gravava alguma coisa. Cenas do filme Alexandre. E em questão de português também. A questão da linguagem, da pronúncia, muita coisa. [...] conhecer aqueles filmes [com] lugares bem distantes, diferentes: Vulcão, China, As Pontes de Toko-Ri (informação verbal).

Nessa perspectiva, Dona Marilda Vasconcelos afirma que a realização daquele trabalho não funcionava “[...] dentro das escolas, mas a gente levava para [os] colégios [as] palestras. Pra colégios, palestras pra grupos católicos. Nós fizemos muito foi em Limoeiro. Foi um dos que mais a gente fez. Mas fez várias outras cidades do interior” (informação verbal).

Dona Marilda Vasconcelos ainda recorda a madre responsável pela acolhida do trabalho deles naquele município:

Ela era excelente, era muito entusiasmada com esses estudos de cinema. Madre Gabriela! E era uma pessoa que tinha pendor pra arte. Eles tinham lá um grupo de estudos em cinema independente. Se preocupavam e faziam aquele próprio grupinho do colégio. E atingia a cidade, porque muitas pessoas gostavam de cinema e tal, não tinham como estudar cinema, senão participando ali (informação verbal).

O fato de encontrar dirigentes e/ou representantes de colégios que demonstrassem ter uma relação de afinidade com o campo das artes (teatro e cinema, principalmente) aumentava muito as chances de conseguir com que o trabalho não ficasse limitado a uma única palestra sobre cinema. Nesse sentido, o Colégio Regina Coeli, por intermédio da madre Gabriele Andasch, possibilitou a inserção das atividades cinematográficas como ferramenta pedagógica que colaboraria na educação integral dos alunos e na sua formação cristã.

Embora o Apostolado Cinematográfico tenha percorrido algumas cidades do interior de Pernambuco, semeando sua proposta de educação cinematográfica, em muitos colégios aquele trabalho não frutificou como se havia esperado. A condição de instituição católica de ensino parecia não garantir uma adesão mais consistente, tampouco com uma duração que rendesse mais que um único encontro para palestrar sobre o assunto.

## Conclusões

Embora o conceito de educação cinematográfica tenha sido criado sob a forma de censura, posteriormente ele foi ampliado, desdobrando-se em dois processos: um deles tratava o cinema como um *meio* de educar as pessoas, tendo sido instrumento a serviço da Igreja para promover uma formação humana, dentro da moral cristã e conduzida por educadores católicos; e também como *fim*, ou seja, preparando as pessoas para uma qualificação técnica e um refinamento do olhar sobre os aspectos artísticos e morais dos filmes.

Nessa perspectiva, o trabalho realizado pelo apostolado cinematográfico encontrou terreno fértil para semear apenas no Colégio Regina Coeli, em Limoeiro – PE. O seu diferencial foi representado principalmente pela figura da madre Gabriele Andash, que se identificava com o campo das artes e ministrava disciplinas dessa natureza.

Ela transformou em atividade pedagógica de rotina conhecimentos e práticas sobre cinema que poderiam ter sido vivenciadas como simples participação numa das semanas de cinema do Recife. Sua afinidade com as artes foi o diferencial que contribuiu, significativamente, para o desenvolvimento do trabalho de educação cinematográfica em seu colégio.

Sob a coordenação de madre Gabriele, os estudos cinematográficos foram iniciados para as alunas, ampliados quando da abertura para a participação dos alunos do Ginásio Limoeirense e diversificados pela criação de situações pedagógicas que envolviam uma série de atividades, como: projeções seguidas de cine-fóruns, estudos a partir de matérias de jornais, revistas e livros (por exemplo, caminhos do cinema e elementos de cinestética) e realização de provas escritas valendo nota.

No Colégio Regina Coeli, a educação cinematográfica foi considerada por madre Gabriele como um importante processo formativo para suas alunas. Firmou-se na rotina pedagógica do colégio, chegando até mesmo a ser transformada em disciplina curricular.

Sem o engajamento de um docente (como madre Gabriele), um coordenador ou mesmo um diretor, o contato que muitos colégios tiveram com a educação cinematográfica se resumia a uma simples palestra ou curso, sem perspectiva de continuidade. Essa foi uma das dificuldades enfrentadas pelo grupo do Cineclub *Vigilanti Cura* no decorrer do seu trabalho de apostolado nos colégios. Apesar das primeiras atividades cineclubistas e de educação cinematográfica terem sido realizadas no Recife, seus desdobramentos permitiram uma

capilarização daquele movimento também em direção ao interior de Pernambuco, destacando-se o município de Limoeiro.

### **Referências Bibliográficas**

- COLÉGIO REGINA COELI (Limoeiro, PE). **Histórico do colégio**. Disponível em: <<http://www.colegioreginacoeli.com/home/index.php?opt=historia>>. Acesso em: 5 mar. 2011.
- IGREJA CATÓLICA. Papa (1922: 1939: Pio: XI). **Carta encíclica VIGILANTI CURA sobre o cinema, de 29 de junho de 1936**. [Roma], 1936. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/agnusdei/vigcur0.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2009.
- IGREJA CATÓLICA. Papa (1939: 1958: Pio: XII). **Carta encíclica MIRANDA PRORSUS sobre a cinematografia, o rádio e a televisão, de 8 de setembro de 1957**. [Roma], 1957. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/agnusdei/mirpro0.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2009.
- LOGGER, Guido. **Educar para o cinema**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1967. 39 p. (Coleção Educar para a Vida, 2).
- \_\_\_\_\_. **Elementos de cinestética**. Rio de Janeiro: Agir, 1957.
- MAIA, Geny Teixeira. **Limoeiro sob o signo da estrela: o Colégio Regina Coeli**. Recife, 1999.
- MALUSÁ, Vívian. **A contribuição católica na formação de uma cultura cinematográfica no Brasil nos anos 50**. [S. l.], 2008. Disponível em: <<http://www.mnemocine.com.br/cinema/historiatextos/cinemacatolico.htm>>. Acesso em: 11 out. 2009.
- MENEZES, José Rafael de. **Caminhos do cinema**. Rio de Janeiro: Agir, 1958.
- PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.
- VILAÇA, Antônio. **Histórias que Limoeiro conta**. Rio de Janeiro: Ed. Arquimedes, 1971.
- VISCARDI, Cláudia M. R.; DELGADO, Lucília de A. Neves. **História oral: teoria, educação e sociedade**. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2006.